

RENÚNCIA DE BENTO XVI

Efeito de dessacralização da figura do Papa marcará legado de Ratzinger

Mensagem de renúncia poderá ser o mais significativo legado de Bento XVI na sua passagem pelo Vaticano, consideram teólogos e sociólogos das religiões ouvidos pelo PÚBLICO



“Já não tenho forças para exercer adequadamente o ministério de Pedro”

Graça Barbosa Ribeiro

Pode uma mensagem de renúncia ser mais o mais significativo legado de um papa? Os teólogos e sociólogos das religiões ouvidos pelo PÚBLICO consideram que sim. Apanhados de surpresa pela decisão de Bento XVI, investigadores como Alfredo Teixeira, Teresa Toldy, Helena Vilaça, Anselmo Borges e Frei Bento Domingues destacaram-na ontem como o acto de maior relevância do seu pontificado. Pelo efeito imediato de “dessacralização” da figura do Papa e pelo impacto que isso pode ter na reforma do governo da Igreja que, diz Frei Bento Domingues, “podem justificar um papado”

Teresa Toldy, teóloga, estava mais do que a par das afirmações feitas no passado por Bento XVI, que em 2010 já colocara a possibilidade de um dia vir a renunciar. Ainda assim, quando ontem foi apanhada por um jornalista que lhe pedia, ao telefone, um comentário sobre o acontecimento, a sua primeira reacção foi perguntar se se tratava de uma partida de carnaval. Conta este episódio para ilustrar a sua surpresa pela decisão de Bento XVI, “um intelectual, racional e lúcido que terá a noção exacta de que está a abrir um precedente e de que o seu gesto é tão significativo que nada ficará na mesma”.

“Há aqui um significativo quebrar de uma regra não escrita – a de que o

Papa tem de levar a missão até ao fim, ainda que com o maior sofrimento”, concorda Helena Vilaça, socióloga das religiões, que considera “muito significativo” o assumir, por parte de Bento XVI, “de que o mundo de hoje, tem exigências, até a nível físico, a que uma pessoa de oitenta e tal anos não consegue corresponder”.

Alfredo Teixeira, sociólogo e teólogo não hesitou em eleger a renúncia “o traço mais relevante, e de grande modernidade, deste pontificado”. Não pela decisão, em si, que não foi inédita, ressalva, mas pelo carácter singular dos motivos invocados – o cansaço, a falta de forças físicas. “Para os católicos a autoridade da Igreja era exercida a partir de uma ideia de sacralidade e este é um momento decisivo de desmistifica-



Este é um momento de desmistificação, de dessacralização da figura do Papa, cuja autoridade passa a vir da exemplaridade



Alfredo Teixeira
Sociólogo e teólogo

Mensagem do Papa ao consistório, na íntegra

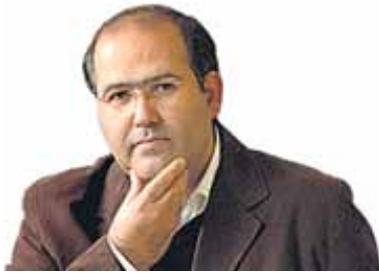
Queridíssimos irmãos, Convoquei-vos para este consistório não apenas por causa das três canonizações, mas também para vos comunicar uma decisão de grande importância para a vida da Igreja.

Depois de examinar reiteradamente a minha consciência perante Deus, cheguei à certeza de que, pela idade avançada, já não tenho forças para exercer adequadamente o ministério de Pedro (petrino). Sou consciente de que este ministério, pela sua natureza espiritual, deve ser levado a cabo não apenas por obras e palavras mas também, em menor grau, através do sofrimento e da oração.

No mundo actual, sujeito a rápidas transformações e sacudido

por questões de grande relevância para a vida da Fé, para governar a barca de S. Pedro e anunciar o Evangelho é necessário também vigor, tanto do corpo como do espírito. Vigor que, nos últimos meses, diminuiu em mim de forma que tenho de reconhecer a minha incapacidade para exercer de boa forma o ministério que me foi encomendado.

Por isso, estando consciente da seriedade deste acto, e em plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério de bispo de Roma, sucessor de S. Pedro, que me foi confiado pelos cardeais no dia 19 de Abril de 2005. De forma que, a partir do dia 28 de Fevereiro de 2013, às 20h (19h em Lisboa), a sede de Roma, a sede de S. Pedro vai ficar vaga e deverá ser



É um “acto de grande coragem e de grande amor”

José Tolentino de Mendonça
Padre e poeta



Ver vídeos e
fotogaleria em
www.publico.pt

ção, de dessacralização da figura do Papa, cuja autoridade passa a vir da exemplaridade”, considera.

“Fico na expectativa: que debate abrirá esta decisão na Igreja?” questiona Teresa Toldy. Alfredo Teixeira acredita que “numa estrutura pesada” as transformações não são imediatas, mas Frei Bento Domingues e o padre Anselmo Borges, teólogos, também consideram que a renúncia de Bento XVI permite abordar assuntos “tabu”, como a necessidade de reformar e rejuvenescer o Governo da Igreja e de colocar um limite ao número de anos que pode durar um papado, exemplificam.

Teresa Toldy, Anselmo Borges e Frei Bento Domingues referem também como significativo o corte com a apologia do sofrimento resultante do fim do papado de João Paulo II. “Há muitas pessoas que só conheciam um papa, João Paulo II, que optou por uma agonia quase pública”, sublinha a primeira. “Talvez agora seja possível debater abertamente o impacto negativo que a opção do anterior papa teve no rumo da Igreja, ao permitir que se acumulassem problemas que o seu sucessor não conseguiu também resolver”, acrescenta Bento Domingues.

De entre os temas que ficaram “para trás”, na perspectiva de Bento Domingues, estão os que resultaram em escândalos como o da pedofilia, mas também os que continua silenciados, como a sexualidade ou o papel da mulher na Igreja.

convocado, através daqueles que têm competências, o conclave para a eleição do novo sumo pontífice.

Queridíssimos irmãos, dou-vos as graças de coração por todo o amor e trabalho com que trouxeram até mim o peso do meu ministério e peço perdão por todos os meus defeitos.

Agora, confiamos a Igreja ao cuidado do Sumo Pastor, Nosso Senhor Jesus Cristo, e suplicamos a Maria, sua Santa Mãe, que assista com a sua materna bondade aos padres cardeais ao eleger o novo sumo pontífice. Pelo que me diz respeito, também no futuro, quero servir com todo o meu coração à Santa Igreja de Deus com uma vida dedicada à oração.

Vaticano, 10 de Fevereiro de 2013

Igreja portuguesa louva “coragem” e “lucidez”

Bárbara Wong

Surpresa mas também admiração e elogios, foi assim que foi recebida nos meios eclesiais de Portugal a decisão do Papa

A pesar de o Papa já ter declarado que não via com maus olhos a renúncia, o anúncio da sua saída foi recebido, em Portugal, com alguma surpresa.

É um “acto de grande coragem e de grande amor”, classifica o padre José de Tolentino Mendonça ao PÚBLICO. Foi um “acto extraordinariamente corajoso”, define D. José Policarpo, presidente da Conferência Episcopal Portuguesa à Rádio Renascença. Coragem é também a palavra usada pelo bispo de Viseu, Ilídio Leandro: “Era necessário vencer toda uma tradição que não aponta para ser normal um acto destes”, justifica à Lusa. Foi um acto de coragem, mas também “de muita fé, porque vê-se que tomou esta atitude por amor à Igreja e por sentir que as suas forças já não permitiam conduzir a barca de Pedro [a Igreja] nos momentos e nas circunstâncias em que é necessário vigor, determinação, firmeza e aquela presença que, pela doença, já não poderia ter”.

Também Carreira das Neves, especialista em Bíblia, olha para este acto com “satisfação”. O cónego Manuel Lourenço, especialista em Direito Canónico, diz que este é um acto que ajuda a reflectir sobre as limitações humanas. Victor Feytor Pinto, responsável da Pastoral da Saúde, defende que a decisão “revela enorme lucidez”. É um “gesto único” na Igreja, resume D. Januário Torgal Ferreira. Mas esta decisão poderia abrir discussão a nova forma de eleição, propõe José Filipe Rodrigues, frade dominicano.

A declaração de Bento XVI, conhecida ontem de manhã no Vaticano, foi “muito comovida e de grande autenticidade”, aponta o padre e poeta José de Tolentino Mendonça, a partir de Roma, ao PÚBLICO. O ambiente que se vive na Praça de São Pedro é de grande emoção e perturbação, testemunha. Contudo, olha para esta



ADRIANO MIRANDA



DANIEL ROCHA

Dos momentos da visita do Papa Bento XVI a Portugal, em Maio de 2010 (no Porto e em Lisboa)

situação está prevista: como ele é a autoridade máxima, apenas a ele lhe cabe de tomar a decisão”, disse o cardeal à Renascença.

Por seu lado, o bispo do Porto, D. Manuel Clemente, considera que a decisão “é reveladora de um testemunho de sabedoria, de coragem e de verdade com que Bento XVI assumiu as funções tão difíceis de sucessor de Pedro”, disse à Renascença. Trata-se de “um testemunho de coragem e de verdade”.

Filipe Rodrigues acrescenta a palavra “humildade”. “É de louvar. [Bento XVI] quando viu que não estava capaz teve a humildade de colocar o cargo à disposição. É um Papa que continua a surpreender pela sua humildade”, defende o frade dominicano ao PÚBLICO.

Bento XVI e João Paulo II

Para o biblista Carreira das Neves, esta decisão é um “sinal dos tempos”. “É com satisfação [que assisto ao anúncio], porque estamos a viver tempos mais democráticos e esta decisão mostra que a Igreja encaminha-se para aceitar os desígnios da democracia”, declara.

“Não há nenhuma lei divina ou do Evangelho” que diga que um Papa não pode abdicar, continua Carreira das Neves, recordando que gostaria que João Paulo II o tivesse feito, mas que, depois da sua morte, reconheceu que a sua vida foi um exemplo. “Ele venceu-me, porque a sua morte mostrou como levar a cruz até ao

fim e foi um exemplo para os nossos dias”, esclarece o investigador.

Também o especialista em Direito Canónico Manuel Lourenço considera que a não renúncia de João Paulo II foi um “testemunho”. Mas que não tinha de ser seguido por Bento XVI, um homem que deixou antever em entrevistas e em livros que não punha de lado a hipótese da renúncia. “Este Papa tem feito um esforço para que as pessoas reflectam, através da fé, sobre as mudanças no mundo, sobre a sua continuidade”, e esta sua decisão reflecte isso mesmo, defende.

Um Papa mais jovem?

O cónego Manuel Lourenço lembra que não existe nenhuma regra que diga que o Papa deve morrer em funções. Segundo o Direito Canónico, só os padres e os bispos põem os seus lugares à disposição a partir dos 75 anos. A renúncia pode ser uma mensagem aos cardeais que irão escolher o sucessor de Bento XVI de que deverão optar por uma pessoa mais jovem? “Gostaria que fosse um Papa bem preparado. Num mundo em movimento e de grandes modificações, é natural que escolham um mais novo, mas o que queremos é que seja uma pessoa capaz”, responde Carreira das Neves.

Não tem necessariamente de ser um Papa jovem, dizem Manuel Lourenço e Feytor Pinto, lembrando homens como Leão XIII – eleito aos 67 anos, que governou a Igreja até aos 93, e responsável pela encíclica *Rerum Novarum*, sobre os direitos e os deveres do capital e do trabalho – ou João XXIII, que governou apenas quatro anos e lançou o Concílio Vaticano II, que mudou a Igreja.

Cabe aos cardeais encontrarem uma “pessoa com perfil capaz de conduzir os destinos exigentes da Igreja neste tempo concreto”, conclui Tolentino de Mendonça.

Para Filipe Rodrigues, frade dominicano, esta é uma boa altura para os cardeais reflectirem sobre a governação da Igreja e dá o exemplo das ordens religiosas que elegem democraticamente o seu líder para um número fixo de anos, ou seja, por mandatos. “Não é melhor uma eleição por mandatos?”, pergunta. A saída de Bento XVI devia deixar “pistas de reflexão”, propõe.